

AS RAÍZES DO LOUVOR NO *MAGNIFICAT* (Lc 1,46-55)

Isidoro Mazzarolo

Resumo

O trabalho que apresentamos é um pequeno esboço das principais tensões ou conflitos presentes no Magnificat de Maria e os motivos de júbilo dentro desse quadro sinótico. Relacionamos o cântico de Maria com outros de gênero literário semelhante, mas de contextos próprios. Emerge, no entanto, uma realidade clara: as tensões de ontem continuam sendo as tensões de hoje.

Palavras-chave: *Cânticos de libertação; Magnificat; Pobreza; Riqueza; Confiança em Deus.*

Abstract

The work we present is a brief outline of the principal tensions or conflicts present in Mary's Magnificat and the motives of her joy. We relate the song of Mary with others of similar literary genre, but of their own contexts. There is, however, a clear reality: yesterday's tensions remain the tensions of today.

Keywords: *Songs of liberation; Magnificat; Poverty; Power; Trust in God.*

Introdução

O nosso estudo do cântico de Maria, conhecido como *Magnificat* (em virtude da tradução latina) tem como meta destacar os motivos do *exultet*, pois o louvor vem depois da percepção do conflito. A história revela conflitos de naturezas diversas, mas Deus intervém na história e, mantendo sua fidelidade à promessa, estabelece a justiça e o julgamento da verdade.

Através do *Magnificat*, relacionado com outros poemas de libertação, surge um grande imperativo teológico e ético: trabalhar pela dignidade da pessoa. Os grandes protagonistas da história da humanidade sempre despontaram como grandes defensores da vida, do direito à vida e à dignidade da pessoa no universo.

⁴⁶Disse Maria¹: Minha alma exalta o Senhor
⁴⁷e meu espírito se rejubila (sobre)² em Deus, meu Salvador,
⁴⁸porque olhou [o Senhor]³ com favor sobre a condição humilde de sua serva.
 Eis, pois, a partir de agora todas as gerações me [proclamarão] bem-aventurada,
⁴⁹porque o Poderoso fez a mim grande⁴ e santo é o seu Nome.
⁵⁰A sua misericórdia de geração em geração⁵ sobre aqueles que o temem.
⁵¹Interveio com a força do seu braço;
 dispersou os homens de pensamento orgulhoso nos corações deles;
⁵²abaixou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes;
⁵³os famintos, ele os encheu de bens,
 e os ricos, despediu-os de mãos vazias.
⁵⁴Veio em socorro de Israel, seu menino; lembrado de sua misericórdia.
⁵⁵como falara aos nossos pais, em favor de a Abraão e à sua descendência,
 para sempre (Lc 1,46-56).

Algumas pontuações históricas e literárias do cântico de Maria. A sua atribuição a Maria foi objeto de acaloradas discussões ao longo da história em virtude da substituição do nome de Maria pelo de Isabel (Elisabeth). Essa substituição teria sido feita em razão de que o poema caberia melhor nas palavras de Isabel do que na jovem Mãe de Jesus (SPINETOLI, 1982, p. 85). Mesmo havendo essa incisão de alguns manuscritos latinos a credibilidade é pouca visto que todos os manuscritos gregos colocam Maria como autora e, por conseguinte, é de se esperar a reação de Maria à intervenção de Isabel (BOVON, 1995, p. 129).

O *Magnificat* permanece como um poema de Maria, mas isso não significa que tenha sido uma composição pessoal dela. O ambiente do cântico se parece com aquele de alguns hinos de Qumram (SPINETOLI, 1982, p. 85). O hino é uma reação de Maria à saudação de Isabel e à manifestação da saudação do anjo Gabriel (ERNST, 1977, p. 84).

Não se encontram em qualquer outro lugar referências ao Messias e à sua mãe, por isso o autor pode tê-lo buscado em algum repertório litúrgico comunitário e inserido na sua obra o motivo da gloriosa exaltação da salvação messiânica destinada particularmente aos pobres, aos fracos, aos perseguidos e aos aflitos.

1. Os manuscritos latinos a b Ir Or substituem Maria por Elisabeth (Isabel). A credibilidade dessa substituição é muito pequena.

2. Os manuscritos D lat Ir^{bat} substituem *epi* por *en*. *Epi* construído com o dativo assume o sentido de “junto”, “em”, “com”, por isso a substituição não de “*epi*” por “*en*” é pouco testemunhada. BLASS; DEBRUNNER & REHKOPF. *Grammatik des Neutestamentlichen Griechisch*, p. 188.

3. O mss D acrescenta *Kyrios*.

4. Muitos mss substituem *megala* (coisas grandes, adjetivo de *mega* = grande) por *megalias* (grandezas, magnitudes = adjetivo *megaleios*) a^{2a}: A C D e muitos outros. Na versão 28^a Nestle-Aland prefere *megala*. O adjetivo *megaleios* é um hápax no NT, aparecendo apenas em At 2,11.

5. A C² D* para a geração das gerações; a Y^f.¹³ por geração e geração; outros ainda: por geração e geração.

Não estamos diante de uma composição de próprio punho, mas de uma coletânea de textos bíblicos, sem que isso comprometa a sua unidade.

Os temas que emergem do cântico são diversos, mas prevalece o tema da libertação messiânica que alcança as pessoas menos favorecidas e faz justiça aos pobres da terra despedindo os déspotas de mãos vazias. Esse é o ponto de partida. Maria é o símbolo da Igreja dos pobres e dos justos tripudiados pelos ricos opressores.

Lucas estigmatiza a incredulidade de Zacarias (1,20), mas acentua, através de uma bem-aventurança, a fé de Maria (1,38). Essa sentença profética e a bem-aventurança messiânica foram colocadas na boca de Isabel, quando diz que Maria foi agraciada porque *acreditou* (1,45). Quando Maria saúda Isabel, o filho dela exulta em seu ventre porque Maria estava cheia do Espírito Santo. Por sua vez, no júbilo da visita e na plenitude do Espírito, Isabel faz a profecia sobre Maria (STÖGER, 1984, 89). A gravidez de Maria também acontece pela assistência do Espírito Santo e isso demonstra o quanto o Espírito Santo é importante na obra lucana, ainda que nos relatos do nascimento de João Batista e de Jesus Lucas possa ter encontrado inspiração em Mateus (DUNGAN & PEABODY, 1996, p. 39).

A mudez de Zacarias é paradigmática, semelhante à de Ezequiel (Ez 3,26) e à de Daniel (Dn 10,15) e sua importância está justamente na ação de Deus em moldar os seus mensageiros (KNIGHT, 1998, p. 72). A manifestação do anjo Gabriel a Maria (1,26-38) se reveste de toda a autoridade da revelação. O anjo afirma que a prima Isabel estava no sexto mês de gravidez, uma prova de que para Deus não há obstáculos e Maria não deveria temer a sua missão. Sobre Isabel pesavam dois grandes problemas: a idade avançada e a esterilidade.

Deus planta grandes projetos em espaços pequenos. Quando Isabel exclama: como pode a mãe do meu Senhor vir a mim! (1,43), ela não está se referindo propriamente a Maria, mas ao Menino que está no seu ventre (STEIN, 1992, p. 90). Nos modelos de poemas bíblicos o louvor vem depois da tensão e libertação, protagonizados por mulheres, exceto o de Débora com Barac e Zacarias. Nos poemas abaixo buscamos evidenciar a tensão e o louvor pelo reconhecimento da ação divina, por isso reduzimos bastante:

Os grandes hinos e suas(seus) protagonistas

Nesses poemas abaixo podemos intuir os sentimentos que emergem dos seus protagonistas vendo sempre a ação de Deus como libertadora e resgatadora no conflito revelando sua fidelidade e seu amor. Alguns autores acreditam também que especialmente o *Magnificat* pode ser associado à história do povo de Israel e às promessas de bênção⁶. Concordamos com os autores que acreditam na

6. CARMAN, A.S. *Ave Maria: Old Testament Allusions in the Magnificat*, p. 16, afirma que o *Magnificat* está saturado de referências do AT, especialmente no texto da LXX. Na verdade a saturação está entre Maria, ela mesma, e Israel.

proximidade de estilo com a poesia hebraica. MÉNDEZ (2016, p. 556-560) relaciona alguns versículos do *Magnificat* (1,46-47.55) com Salmos, com 1Sm 2,1 e outros textos destacando na interpretação da LXX o estilo absorvido por Lucas.

Débora/Barac Jz 5,4-12	Ana 1Sm 2,1-10	Judite 16,1-17	Maria Lc 1,46-55	Zacarias Lc 1,68-76
<p>Senhor, quando partiste de Seir, a terra tremeu e as nuvens se derramaram em água... As aldeias foram abandonadas até que tu te levantaste, oh, Débora, te levantaste <i>mãe em Israel</i>. Vós que montais jumentas brancas, vós que sentais sobre tapetes e vós que caminhais pela estrada, meditai... Desperta Débora, desperta, entoa um canto...</p> <p>———— Débora</p>	<p>Ninguém é santo como o Senhor... O Senhor é um Deus que sabe, é ele que pesa as ações. O arco dos guerreiros foi quebrado, e os que vacilavam cingem-se de força. Os saciados saem em busca de pão, e os famintos param. A estéril dá à luz sete vezes, e a mãe de muitos filhos fenece. O Senhor faz morrer e faz viver; torna pobre e enriquece, rebaixa e também exalta. Ergue o fraco do pó, retira o pobre do monturo e faz ambos sentarem-se como príncipes e lhes atribui o lugar de honra...</p> <p>———— Ana</p>	<p>Entoai um canto ao meu Deus, com tamborins, cantai ao Senhor com címbalos, componde um salmo de louvor, exaltai e invocai o seu nome... O Senhor todo-poderoso repeliu-os pela mão de uma mulher. Seu herói não foi suplantado por mãos de jovens, nem gigantes de alta estatura o atacaram, mas Judite, a filha de Merari, derrotou-o pela beleza do seu rosto. ...Então meus humildes soltaram um grito de guerra e eles ficaram espantados; meus debilitados gritaram e eles ficaram aterrorizados..</p> <p>———— Judite</p>	<p>Minha alma louva ao Senhor e meu espírito exulta nele, meu Salvador, porque olhou para a humilhação de sua serva... pois o Todo-poderoso fez grandes coisas em meu favor... Agiu com a força de seu braço, confundiu os soberbos de coração. Depôs os poderosos de seus tronos e elevou os humildes. Saciou de bens os famintos, mas os ricos foram despedidos de mãos vazias. Veio em socorro de Israel, seu povo, lembrado da sua misericórdia.</p> <p>———— Maria</p>	<p>Bendito seja o Senhor Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo e suscitou-nos uma força de Salvação..., como prometera desde os tempos mais remotos, pela boca de seus santos profetas; salvação que nos liberta de nossos opressores, da mão dos que nos escravizam; para fazer misericórdia a nossos pais, lembrado da Aliança sagrada e do juramento que fez ao nosso pai Abraão.</p> <p>———— Zacarias</p>

A história segundo seus protagonistas

Observando os cânticos acima, podemos perceber que ao longo da história há uma constante tensão entre os que usurpam o poder e dele se fazem donos e os que não possuem poder, pois este lhes foi tirado pelos primeiros (MAZZAROLO, 2013, p. 59). Assim, entre esses dois grupos aparece a fé na ação de Deus:

DEUS	OS DÉSPOTAS	OS OPRIMIDOS
Deus <i>olha</i> e vê a situação do povo.	Não <i>olham</i> para a situação do povo.	São vistos por Deus ou seus mensageiros.
Ele <i>age</i> com poder em favor daqueles que lhe são fiéis.	<i>Agem</i> com violência em favor dos interesses próprios.	<i>Agem</i> confiando no favor e na graça de Deus.
<i>Lembra-se</i> da promessa e da fidelidade à Palavra.	<i>Esquecem</i> os compromissos que os elevaram ao poder.	<i>Tentam</i> manter fidelidade aos juramentos feitos esperando salvação.
<i>Rebaixa</i> os orgulhos porque esses desprezam os humilhados.	<i>Rebaixam</i> os mandamentos e desprezam os pobres da terra.	<i>Rebaixados</i> no mundo, tratados como a escória, mas exaltados por Deus.

Deus não se situa no limite entre *opressores e oprimidos*. Deus está além, muito além. O proceder, com poder despótico, é próprio daqueles que não têm coração (Lc 22,24-25), ou daqueles que têm um coração de pedra (Ez 36,26). Os que agem dessa forma agem contra Deus. Não conseguindo atingir Deus, atingem a extensão de sua obra, estragam o seu projeto e prejudicam aqueles que agem com boa vontade, dignos da paz (Lc 2,14).

Os cânticos de *libertação* destacam a atuação da mulher no processo de libertação. Acrescente-se ainda a presença de uma grande massa que *não faz parte do esquema social*. Os pobres representados nesses poemas podem ser considerados os *excluídos de fato*, dado que não existem para qualquer efeito do sistema. A graça da mulher é participar de um projeto tão nobre de libertação que confere sentido aos que já não têm sentido; que devolve a vida aos que já não possuem vida. Por isso, com muita propriedade, o evangelista Lucas coloca na boca de Isabel uma profecia e uma declaração messiânica: “*Bendita és tu entre todas as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre*” (Lc 1,42; Jz 5,7.24; Jt 13,8).

Os cânticos revelam sempre uma situação caótica criada por interesses despóticos e desumanos e a necessidade de refazer o plano da criação, ou seja, tentar *incluir* a “*ninguenzada*” que são todos aqueles que não participam da vida comum e do sistema social. Na obra de Lucas não há como evangelizar sem buscar uma inclusão, pois o reinado de Deus é um apelo à dignidade, à ética e ao amor.

Nessa perspectiva, o evangelho de Lucas revela-se como *o tabernáculo dos pobres e dos pequenos*. No *Magnificat* ele alicerça a missão de Maria sob o olhar

de Deus, pois ela encontra *graça aos olhos de Deus* (Lc 1,30). Como ao Filho, do mesmo modo a ela o Espírito protegeu com a sua sombra (Lc 1,35). Há uma semelhança entre o ventre de uma mulher e um espaço existencial para gerar um novo ser ou uma nova realidade. Nada nasce pronto. É preciso que seja gestado, preparado, amadurecido para depois ser revelado. E Maria gesta seu Filho *do outro lado*, do lado de fora da sociedade de seu tempo, pois ela não tinha lugar para os pobres. Assim, Jesus faz uma opção pelos que estão fora, os que estão do “outro lado”, os que estão queimados pelo sol como as tendas de Cedar, por terem sido escravizados pelos irmãos (Ct 1,5-7).

Os conflitos antropológicos da tradição israelita

A condição da mulher era de serva, auxiliar (Gn 2,18) e ela passou a ser tratada como “menor”, sendo propriedade dos pais, enquanto solteira e do marido, após o casamento (Ex 20,17). O texto de Ct 1,5; 8,8 revela que ela estava a serviço dos irmãos e não tinha direitos de ser ela mesma.

Na tentação de Eva, a mulher se tornou o paradigma do pecado e porta de entrada de todos os males (cf. Sir 9,1-9; 26,6-12; 42,12-14). A infidelidade sexual, ainda que estivesse prescrita para ambos os sexos (Lv 18,20; 20,10), pesava de modo exclusivo sobre a mulher (Jo 8,1-7). O livro dos Provérbios 1-9 coloca uma série de advertências aos jovens concernente às seduções de uma mulher infiel. Não obstante as recomendações da fidelidade para marido e mulher, a infidelidade masculina era tratada com bastante indulgência (De VAUX, 1977, p. 46).

Maria, ao receber *o anúncio de ser mãe, ainda que fosse o Filho do Altíssimo* (1,32), *pensava nessa condição da mulher dentro da própria cultura. Conceber sem estar casada significava correr risco de lapidação.*

Encontra-se aqui um hino nos moldes dos antigos salmos de gratidão e louvor. É o sentimento que invade a alma de quem tem nobreza de espírito. Esse hino pode ser chamado de “*as bem-aventuranças de Maria*”, pois ela proclama as bem-aventuranças do mesmo modo como Jesus em Mt 5,1-12; nota-se que para Deus os valores são o inverso dos desejos gananciosos dos homens.

Esse cântico pode ser considerado como uma retomada de outro, no AT (1Sm 2,1-10), que é o hino de Ana ao dar-se conta da obra de Deus, rompendo sua esterilidade e permitindo-lhe gerar o último juiz, Samuel. Na verdade, tanto Ana quanto Maria percebem que o fruto de seu ventre é obra do Senhor e a força do seu Espírito estava sobre elas. Maria expressa toda a gratidão de um coração voltado para Deus. Ela pode expressar a situação de um povo que percebe o favor do Altíssimo Deus que, na fidelidade às promessas, manifesta-se favorável ao seu povo, na misericórdia e no perdão. Maria não aceita a visão do anjo simplesmente como uma verdade ou um privilégio. Ela discute, raciocina e se posiciona diante da proposta do anjo. Apesar de ser apresentada como jovem, ela tem uma postura

de mulher adulta e consciente. É absolutamente infundada a argumentação do *silêncio das mulheres em Lucas*⁷.

Os conflitos do cântico de Maria

A humildade da serva x a arrogância dos déspotas v. 49-50

O primeiro conflito se estabelece na questão social, não por se tratar de lugares diferentes ou de situações diferentes, as quais podem ser naturais e normais, mas por serem produzidas por regimes e culturas de injustiça. Deus observa, ausculta e põe seu olhar fito (*epeblepsen*, 1,48) sobre a humildade da serva. O verbo *epiblepô* é um olhar de supervisão, de vistoria ou o olhar de alguém que precisa verificar algo (Sl 101,17; 1Sm 9,16). Podemos entender como o olhar atento de Deus e que diante dele nada passa escondido ou despercebido (BAUER, 1971).

Nesse olhar investigativo de Deus ele fixa sua mirada na *tapeinophosynê*, isto é, na condição “de baixo”, ou seja, no lugar mais baixo da escala social e econômica (BOVON, 1995, p. 131). Os lexemas *tapeinós* e *tapeinôsis* podem englobar também certo sentido positivo. Por exemplo, a *tapeinôsis* de Maria sublinhada por Lucas tanto pode indicar a distância que a separa como “escrava” de Deus quanto sua pertença ao mais baixo escalão social de Israel (BOVON, 1995, p. 131). A interpretação dos lexemas gregos deve levar em consideração os contextos.

Deus olha com compaixão a condição de humilhação de sua serva, mas também enxerga o comportamento dos déspotas, que na escala social estão no lado opressor. Maria se apresenta como a *doulê*, que muitos tradutores entendem como escrava. No meu entender, a tradução correta é serva, pois Maria dialoga com o anjo, pergunta, questiona e só depois dá a resposta. A humildade (*tapeinophosynê*) de Maria se depara com a *arrogância* (*hyperêfanía*) dos déspotas (v. 51). A *hyperêfanía* é a posição do orgulhoso, do prepotente que contrasta com o humilde (SCHNEIDER, 1983). Esse contraste aparece em Lc 1,51; Tg 4,6; 1Pd 5,5.

A força do Poderoso x os de coração ambicioso v. 51

Jesus proclamou a bem-aventurança: “Bem-aventurados os puros de coração...” (Mt 5,8). A pureza de coração é simpática ao olhar de Deus, pois os puros colaboram com a manutenção do paraíso terrestre, amam a natureza, respeitam os limites e promovem a paz.

7. A *leitura feminista da Bíblia* tem negligenciado aspectos fundamentais da real compreensão do evangelho de Lucas. Eu posso assegurar que Lucas é o escritor mais feminista do Novo Testamento. No seu livro Maria tem voz ativa (Lc 1,26-38); Isabel fala ao receber a visita de Maria (1,39-45); Ana tem vez e voz na apresentação de Jesus ao Templo (2,36-38); as mulheres são discípulas junto com os homens (8,1-3). O artigo de Barbara E. Reid retoma outras feministas para criticar o silêncio das mulheres em Lucas e Atos.

O autor quer mencionar nesse v. 51 um dos grandes atributos de Deus: a força. Esse atributo precisa ser visto de modo positivo, onde a salvação de alguns (v. 51a) corresponde à derrota de outros (v. 51b). Este verso tem inspiração no Sl 118,15-16 (BOVON, 1995, p. 133).

Eleva os humildes x abaixa os poderosos, v. 52

O conflito se estabelece aqui entre humilde (*tapeinós*) e poderoso (*dunástês*). A tensão entre os humildes e os poderosos provoca sempre o mesmo resultado: os humildes são esmagados e tratados como subproduto, mão de obra barata e sem muita necessidade de consideração antropológica e social.

O *Magnificat* se ajusta bastante com a tradição judaica da profecia, do Deus da libertação e das manifestações da justiça divina em favor do povo. Na tradição helenística esse poder, só que de forma arbitrária, estava nas mãos de Zeus. O cristianismo se respalda na tradição veterotestamentária da ação de Deus e desconstrói a mitologia grega, mostrando, não a arbitrariedade, mas a fidelidade de Deus às promessas feitas aos pais.

Maria reconhece a ação de Deus em favor dela e de todos os que participam das classes dominadas e excluídas. Lia em Gn 30,13 também exclama: “Todas as mulheres me dirão bem-aventurada”! Outra exclamação semelhante é a de Malaquias: “Todas as nações vos declararão felizes” (Ml 3,12). O cunho escatológico aproxima bastante as expressões de Maria e Malaquias, enquanto que a de Lia carece desse tom (HUGH, 1977, p. 122).

O contraste social entre poderosos e humildes revela a situação caótica criada pelos interesses despóticos e desumanos e a necessidade de refazer o plano da criação, ou seja, tentar *incluir* a “ninguenzada” que são todos aqueles que não participam da vida comum e do sistema social. Na obra de Lucas não há como evangelizar sem buscar uma inclusão, pois o reinado de Deus é um apelo à dignidade, à ética e ao amor (MAZZAROLO, 2013, p. 60).

Deus, na sua misericórdia e justiça divina, intervém em favor dos mais humildes e age com poder contra os dominadores do mundo que oprimem os pobres, os indigentes, os necessitados (SPINETOLI, 1982, p. 88). A sociedade se apresenta dividida em duas grandes partes: de um lado estão em número bastante reduzido os poderosos e, do outro, em número muito maior os pobres. A situação, no entanto, é muito diferente de um grupo para o outro. Do lado dos abastados está a abundância e o luxo, e do outro está a indigência e o risco de vida.

Famintos saciados x ricos de mãos vazias, v. 53

A teologia antropológica deste conflito é mostrada de modo magistral na parábola do homem rico e o pobre Lázaro (Lc 16,19-31). Deus não é injusto, nem

vingativo com os ricos, apenas estabelece a justiça no mundo. Os ricos aviltaram as duas árvores do centro do Jardim do Éden: a árvore da Vida e a árvore do Conhecimento do Bem e do Mal (Gn 2,9). A árvore da Vida representa a Lei e a árvore do Conhecimento do Bem e do Mal é o Outro.

Os ricos afrontam as duas árvores, porque eles, em primeiro lugar desconhecem a Lei ou qualquer outro princípio de ética e justiça e, em segundo lugar, ignoram a vida e os direitos do outro. Os ricos não são aqueles que possuem uma condição de vida razoável adquirida com o suor do seu rosto, mas aqueles que acima de tudo e pela força da sua corrupção conseguiram inverter o sentido das leis, chamando de mal ao bem e bem ao mal (Is 5,20), e com isso privam as três camadas sociais mais marginalizadas nos paradigmas bíblicos: os pobres, as viúvas e os órfãos (Is 10,2).

O cântico faz uma advertência sobre os perigos do poder e da propriedade, sem condenar o mundo da política e da economia. A transformação é desejada e realizada por Deus, porque a injustiça reina entre os homens. Quando faz aparecer sua soberania, quebra os troncos e reclama o dinheiro dos ricos (BOVON, 1995, p. 134).

Jesus ampliou o sentido da fome: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça...” (Mt 5,6). *É nessa perspectiva que podemos ver de modo mais claro a tensão toda dos conflitos do ser humano no mundo dividido e dilacerado pelo pecado da ganância e da avidez por bens materiais. Uns têm a garganta insaciável de riquezas, posses, domínio e vaidade, enquanto a língua dos pobres se gruda no céu da boca por falta de água. A sede e a fome de justiça são o resultado de uma consciência profética de homens e mulheres que olham (epiblépein) a si mesmos, os outros e o mundo com o olhar de Deus e sonham para o aqui e agora uma pequena réplica do paraíso do Éden.*

O motivo do júbilo no conflito

Lucas foi discípulo de Paulo e era um homem erudito que o Apóstolo chama de médico amado (Cl 4,14). Lucas conheceu bem a cultura de seu tempo e aprendeu com Paulo as exigências do Evangelho. Por isso, ele não depende exclusivamente de arquétipos de hinários antigos, mas tem um grande espelho à sua frente, como nas próprias palavras do Apóstolo:

¹¹Digo isto, não por causa das privações, porque aprendi a viver em qualquer situação. ¹²Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez; ¹³tudo posso naquele que me fortalece (Fl 4,11-13).

O *Magnificat* nos apresenta essa tensão permanente entre o lugar dos pobres e necessitados e o comportamento dos ricos e déspotas. Os humildes e margina-

lizados não podem confiar naqueles que os oprimem, por isso sua confiança está em Deus e quando percebem os seus sinais exultam de júbilo e alegria.

Um dos motivos principais do júbilo de Maria é que ela percebe o acontecer de uma ação específica de Deus: o olhar sobre aqueles aos quais ninguém olha. Ela assume a expressão do reconhecimento de Deus, quer em nível pessoal, quer em nível nacional, a exemplo do Sl 102 (HUGH, 1977, p. 121).

Deus está ao seu lado da justiça, da verdade e da libertação: conhecereis a verdade e a verdade vos libertará (Jo 8,32).

Talvez muitos ricos, com olhar obstruído pelo poder, falam como os adversários de Jó e tentam confundir o justo. Jó, na sua indignação e indignação reclama, mas quando Deus se apresenta para falar com ele, pede perdão e diz que falou de coisas que não entendia (Jó 42,2-6). As crises da vida podem conduzir pessoas ao desespero e à desconfiança da ação de Deus, mas quando a fé ilumina a vida, cantam como Jó, Maria, Ana e muitos outros. Esses não conhecem a Deus apenas pelo ouvir dizer, mas fazem a experiência profunda de Deus que é justiça, verdade e amor.

Referências

- BAUER, Walter. epiblepô. *Wörterbuch zum Neuen Testament*. Berlim/Nova York: Walter de Gruyter, 1971.
- BLASS, Friedrich & DEBRUNNER, Albert. *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch*. 16. ed. Göttingen: Vandernhoeck & Ruprecht, 1984.
- BOVON, François. *El Evangelio Segun San Lucas – Lc 1–9*. V. I. Salamanca: Sígueme, 1995.
- CARMAN, Amy S. Ave Maria: Old Testament Allusions in the Magnificat. *Priscilla Papers*, vol. 31, n. 2, Spring, 2017, p. 14-18.
- DE VAUX, Robert. *Le Istituzioni dell'Antico Testamento*. Torino: Marietti, 1977.
- DUNGAN, David L. & PEABODY, David B. *Beyond the Q Impasse – Luke's use of Matthew – A Demonstration by the Research Team of the International Institute for Gospel Studies*. Pennsylvania: Trinity Press International, 1996.
- ERNST, von J. *Das Evangelium nach Lukas: übersetzt und erklärt*. Regensburg: Friedrich Pustet, 1977.
- HUGH, John Mc. *La Mère de Jésus dans le Nouveau Testament*. Paris: Cerf, 1977.
- MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de Lucas – A antropologia da salvação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2013.
- MÉNDEZ, Hugo. Semitic Poetic Techniques in the Magnificat: Luke 1:46–47, 55. *JBL* 135, n. 3 (2016), p. 557-574.

KNIGHT, Jonathan. *Luke's Gospel*. Londres/Nova York: Routledge, 1998.

REID, Barbara E. The Gospel of Luke: Friend or Foe of Women Proclaimers of the Word? *The Catholic Biblical Quarterly*, v. 78, 2016, p. 1-23.

SCHNEIDER, Gera. hyperêfanía. In: BALZ, H. & SCHNEIDER, G. (Hrsg.). *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, B. III. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1983.

SPINETOLI, Ortensio da. *Luca*. Assisi: Citadella Editrice, 1982.

STEIN, Robert H. *Luke*. Nashville: Broadman Press, 1992.

STÖGER, Alois. *O Evangelho segundo Lucas*. Petrópolis: Vozes, 1984.